

Sua região

O que foi notícia na semana

Informação & Serviço

ARTE SOBRE FOTOS: KKO



PRAIA (Barra da Tijuca)
 Cariocas andam saudosos de curtir um dia de sol na orla da Zona Oeste, com a Pedra da Gávea ao fundo.
 Fotografia: Ricardo Cassiano

Zona Oeste



VIA LIGHT (Nova Iguaçu)
 Via expressa liga o Rio a Nova Iguaçu, atravessando outros três municípios da Baixada, com 10,6 km de extensão.
 Fotografia: Estefan Radovicz/Agência O Dia

Baixada



BAÍA DE GUANABARA (Niterói)
 Amantes do esporte praticam a canoa polinésia nas águas calmas da Baía.
 Fotografia: Aldo Barranco

Niterói & região

Baixada

JUPY JUNIOR
jupy.junior@odia.com.br

O pequeno Arthur, de apenas 9 anos, se diverte sozinho enquanto a aula não começa: gira o corpo no próprio eixo, levanta a perna direita até que o pé toque a orelha, pula para a esquerda com as pernas juntas, depois, para a direita. Há um vigor e uma impaciência nos seus olhos infantis. Do lado de fora de uma casa simples cheia de alunos, no centro de Itaguaí, no meio da tarde de um dia em novembro, brinca uma criança com seu sonho: ser bailarino profissional. Arthur Gavino tem a sorte de encontrar nos pais – Marcelo Castro e Michele – seus maiores incentivadores. A família mora em Vila Margarida e vê na dança uma atividade importante, mas a homofobia que persegue tanta gente, e, em especial, bailarinos, é um assunto infelizmente inevitável.

Nada disso é importante, como enfatiza Jailson Trevisani, uma referência da dança em Itaguaí há muitos anos. “Sempre vai existir homofobia, mas a arte é superior a tudo isso”, ensina ele. Graças ao seu empenho, sete meninos estudam balé na cidade (talvez existam outros), e um já é professor. É bastante difícil, muito por causa do preconceito imbecil, que meninos se dediquem à beleza, técnica e disciplina do balé. Nada existe no balé executado por homens capaz de sustentar a ideia de que a dança clássica é coisa de “maricas”: é bastante difícil conciliar com precisão força muscular, flexibilidade e excelente condicionamento físico. Tais habilidades são mais facilmente obtidas por homens.

No balé, homens e mulheres têm rotinas, movimentos e exercícios totalmente diferentes. O homem, por exemplo, não dança na ponta dos pés, e cabe a eles levantar a bailarina muitas vezes acima da cabeça. Certos passos, pela complexidade e força envolvidas, só podem ser executados com perfeição pelos homens. Portanto, a competência do bailarino nada a tem a ver com sua sexualidade, que pode, felizmente – assim como em qualquer atividade ou profissão –, ser qualquer uma.

Meninos bailarinos se preparam para uma grande apresentação no mês que vem

O fascínio de Arthur pelo balé começou há três anos, quando ele tinha apenas 6. Por sempre acompanhar a irmã às aulas na Escola Municipal de Dança (sob a direção de Trevisani), o menino passou a se interessar a ponto da mãe perguntar “quer dançar também, Arthur?”. Foi o começo de uma saudável obsessão. O pai, Marcelo, diz que é preciso pedir para o filho parar de fazer exercícios, porque é assim que Arthur brinca em casa: fazendo extensões e movimentos do balé. Marcelo não se incomoda nem um pouco com a dedicação do filho à dança: acha a arte um valor inquestionável. “O avô materno dele era professor de dança de salão”, conta, orgulhoso. A mãe diz que o irmão mais velho de Arthur, Lucas, no começo ficava zoando, mas é um dos maiores apoiadores hoje em dia.

Arthur já se apresentou diversas vezes. Começou com um número de *Saltimbancos Trapalhães*, com música de Chico Buarque. Arthur era um dos felinos dançarinos.



À esquerda, de pé, Philippe Matheus (O professor); ao lado dele, Natã; à direita, em pé, Gian Carlo; ajoelhado, Rian Gonçalves; e, sentado em spaccato, Arthur Gavino

FOTOS STUDIO DE DANÇA JAILSON TREVISANI / DIVULGAÇÃO

ELES DANÇAM E FAZEM BONITO PELA ARTE

Sem se abalar com preconceito, meninos mostram que o balé, além de lindo, exige força, dedicação, disciplina e coragem. Eles fazem aulas em um stúdio de Itaguaí



Matheus, o professor: com apenas 24 anos, já é multiplicador da arte

Outros casos de amor pela arte da dança

► Com apenas 13 anos e a mania de fazer a ponta (esticar ao máximo os pés) enquanto conversa, Natã Nascimento, que mora em Estrela do Céu, tem quase 1,80m de altura. As pernas compridas dão uma boa pista do que ele já é, mesmo sem ele dizer: bailarino. Ele chegou a fazer jiu-jitsu, mas trocou a luta pela dança.

Philippe Matheus Farias tem apenas 24 anos, mas já dá aulas no Studio de Dança Jailson Trevisani. O professor começou a ter aulas com Jailson aos 8 anos. Jailson prepara um grande espetáculo para dezembro, uma lenda que explica a origem de Itaguaí. Há a possibilidade de seguir em turnê com várias apresentações. Para isso, precisa de mais meninos que se interessem por balé. A exemplo do que aconteceu com Arthur, Matheus e Natã, as portas do Studio de Dança estão abertas para novos talentos. Mais informações podem ser obtidas pelo telefone 2688-4811.



Natã: fuga das aulas de jiu-jitsu para se tornar bailarino profissional

Baixada

'A Destemida' oferece fatia gigante, equivalente a 80 cm de diâmetro, e está fazendo campanha de arrecadação de alimentos para ajudar famílias carentes



Da esquerda para a direita: Roberto, Leandro, Pedro e Rafael

KARINA FERNANDES
karina.fernandes@odia.com.br

Uma viagem de casal à Las Vegas (EUA) foi tão inspiradora que acabou virando negócio em Nova Iguaçu. É que Leandro Brandes, de 42 anos, foi passear com a esposa pela cidade, famosa por seus cassinos, e, apaixonado por pizza que é, resolveu conhecer a iguaria local e ficou encantado com os tamanhos das fatias da famosa The Strip. De volta ao Brasil, ele teve a ideia de trazer a novidade para o município da Baixada, onde mora, e inaugurou a pizzaria A Destemida, em setembro.

“Quando voltou de viagem, ele (Leandro) me convidou para darmos uma volta de moto. Paramos em São Conrado, tomamos uma água de coco e ele contou tudo sobre a viagem, a pizza de lá e suas ideias. Como tinha me aposentado, falei que estaria disponível para virar sócio. Aí, tudo começou. Inicialmente, éramos eu (Roberto) e o Leandro. Até que ele me apresentou ao Rafael (Andrade, de 36) e ao Pedro (Freitas, de 37). Os dois são empresários influentes na cidade, Leandro disse que eles tinham um grande potencial e foi ótimo. Está tudo dando certo”, lembra Roberto Rocha, de 62, que “viaja” todo dia do Recreio, onde mora, para a pizzaria. Os outros dois sócios também são da Baixada — Rafael, vive em Nova Iguaçu e Pedro, em Queimados.

O quarteto está satisfeito com o sucesso do empreendimento. A pizzaria Destemida, nome que remete ao tamanho da fatia oferecida aos clientes — que é equivalente a 80 centímetros de diâmetro —, tem 13 sabores no cardápio, divididos em duas categorias: Tradicional (tendo entre as opções Calabresa, Portuguesa e Marguerita) e Premium (entre elas alho-poró c/ bacon, pepperoni com cream cheese e a da casa Destemida — massa defumada, pepperoni, linguça de pernil desfiada, pimentão verde, pimentão vermelho e champignon). O mais impressionante, segundo Roberto, é o tamanho mesmo.

“Todos adoram. Ela realmente impressiona. É divertido ver o rosto dos clientes de felicidade e surpresa ao verem a pizza. E, modéstia à parte, os sabores são deliciosos. Inicialmente, as pessoas pensam em dividir a fatia, mas poucos o fazem. A maioria come sozinha. Tem uma garotada mais nova que até repete”, diverte-se.

Viagem a Las Vegas inspira amigos a abrirem pizzaria em Nova Iguaçu



Pizzaria de Nova Iguaçu tem fatia gigante, equivalente a 80 cm de diâmetro

Além das pizzas, o local oferece deliciosas sobremesas. A novidade do momento é o *Bubble Waffle*, que é um sorvete servido com waffle, várias caldas e guloseimas. Há também pizzas doces (banana com doce de leite, Kinder ovo e Ganache de chocolate com morango) e sorvetes.

Para não haver erros, Roberto conta que os amigos tiveram muita cautela antes de abrir o próprio negócio. “A ideia foi tratada com muito zelo. O projeto todo demorou um ano para ficar pronto. Para vocês terem uma ideia, o Leandro pesquisou quem seria a maior autoridade em pizza no Brasil. Aí, achou o chef Guilherme Branzani, em São Paulo. Ele foi até lá, fez um curso com o especialista e o convidou para treinar todos os nossos funcionários. O chef Branzani estudou na Itália, sabe tudo”, elogia Roberto, que define como “orgulhosos” o quarteto de sócios.

O estabelecimento tem ambiente aconchegante e descontraído, que remete a Las Vegas, e músicas internacionais e pop rock na TV. Porém, se o cliente quiser comemorar o aniversário ou outros eventos com eles, é possível fazer algumas adaptações. “Podem ser adicionados músicos ao vivo, vídeos e jogos de futebol”, completa.



E quem pensa que só de negócios vivem os quatro, a empresa também está com uma ação do bem até o fim do ano. O cliente que levar 1 kg de alimento não perecível ganha 10% de desconto no total consumido na loja. Os produtos arrecadados serão entregues para famílias carentes. “Ficamos muito felizes em abrir as portas da Destemida por uma causa tão importante e tão nobre, e estamos muito felizes com o sucesso da pizzaria”, conclui ele.

A Destemida fica na Rua Sebastião Herculano de Matos 127, no Centro de Nova Iguaçu. A loja abre todos os dias, das 17h à 1h da manhã do dia seguinte. Para mais informações, basta acessar o Instagram @destemidapizza.

“Ela impressiona. É divertido ver o rosto dos clientes de felicidade e surpresa ao verem a pizza. Tem uma galera que repete”

ROBERTO ROCHA,
um dos sócios da loja

Niterói & região

LUCIANA GUIMARÃES
redacao@odia.com.br

O empresário Daniel Rocha, morador de Icaraí há 8 anos, se viu, no mês passado, novamente em uma situação constrangedora ao ser seguido por seguranças no mercado que frequenta: “Eu usualmente faço as compras depois do trabalho, onde traço roupa social. Neste dia específico, num momento de folga, estava de bermuda e chinelo. Foi o suficiente para despertar nos funcionários o sentimento de desconfiança e para que destilassem o preconceito arraigado. Minha cor e minha roupa ditaram a maneira como eles acreditavam que eu deveria ser tratado”, relata.

Ainda assim, há quem defenda que “o racismo não existe no Brasil” ou “o Brasil é uma democracia racial”. Como considerar tais afirmações verdadeiras se está mais do que provada a forte presença da cultura racista para onde quer que se olhe?

A existência do racismo segue o homem. O sentimento humano sempre tentou mostrar sua superioridade sobre os outros animais, além de se diferenciar de outros homens considerados inferiores.

Um marco para a desmistificação da teoria da democracia racial foi a própria Constituição de 1988, que tipifica racismo como crime, isto é, confirma a existência do racismo e a realidade desigual entre pessoas brancas e negras. Caso não existisse racismo, como a legislação brasileira iria criar medidas para combatê-lo (seria contraditório combater algo que não existe)?

O Brasil se considera e é considerado uma das poucas “democracias racistas” do planeta, o que motivou a Unesco, em 1950, a promover um estudo sobre as relações harmoniosas entre as raças no Brasil. A conclusão revelou que temos um país multirracial, onde a discriminação era tênue, e não escapamos da estratificação, na medida em que há forte desigualdade social entre os vários grupos raciais.

Outro caso, o da jornalista Julie Alves, chamou atenção pela banalidade com que episódios parecidos podem ser relatados em profusão. A repórter e seu cinegrafista, que gravavam material para o programa *Fala Baixada*, da CNT, precisaram ser atendidos numa unidade de saúde após terem sido ofendidos e xingados quando faziam uma denúncia sobre o atendimento precário da saúde em Japeri, Baixada Fluminense. Um funcionário público agrediu a dupla e Julie foi chamada de “macaca”.

“Racismo existe, não é velado. Esse episódio é explícito e cruel. Espero que esse crime que aconteceu comigo, sirva de exemplo para outros colegas não abaixarem a cabeça e não deixarem que ninguém o diminua pela sua cor”, afirma a jornalista, passado o susto e tentando agora seguir com a vida.

O que Julie e Daniel viveram se explica: o racismo é a pretensão de soberania branca sobre os negros que faz com que uma ideia, de acordo com aqueles que ocupam uma posição melhor no status social, seja autorizada a praticar atos que reduzam ou dominem os supostos inferiores.

É uma doença e um dos principais problemas sociais enfrentados nos séculos 20 e 21, causando, diretamente, exclusão, desigualdade social e violência. Para o psicólogo Leandro C. C. Brito, tantos anos de segregação perpetuam mentalidade arcaica:

“O Brasil carrega uma história de 300 anos de escravidão. Depois de mais de um século, ficou enraizado no inconsciente coletivo da sociedade brasileira um pensamento que marginaliza as pessoas negras, as impede de se constituírem como cidadãs plenas. O racismo estruturado é a naturalização de ações, hábitos, situações, falas e pensamentos que já fazem parte da vida cotidiana do povo brasileiro”, detalhou o especialista.

Não há uma única forma de manifestação do racismo, tampouco de combatê-lo. Mas são muitas as estratégias que podem e devem ser utilizadas para estimular atitudes mais inclusivas e o respeito às diferenças. A conscientização se faz mesmo vital para disseminar e reforçar a importância da participação de todos no combate a essa violência e para identificar atitudes preconceituosas, por exemplo, na escola, com o intuito de esclarecer o que são atitudes racistas e de que maneiras, sutis ou evidentes, elas se manifestam no dia a dia.



Racismo: um mal crescente que assola nosso país

Para Daniel, de 42 anos, pai da pequena Maria Laura, de 5, o combate a esse tipo de preconceito deve ser uma luta diária, seja nas relações sociais ou internamente

ARQUIVO PESSOAL

Afinal, empatia, respeito e cidadania se aprendem. Segundo o IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), no Brasil o preconceito é sempre atribuído ao “outro”. Assim, 63,7% dos brasileiros entendem que a raça determina a qualidade de vida dos cidadãos, principalmente no trabalho (71%), em questões judiciais (68,3%) e em relações sociais (65%).

Ademais, 93% dos entrevistados pelo órgão admitiram o preconceito racial no Brasil, mas 87% deles afirmaram nunca sentiram-se discriminados; 89% deles afirmam haver preconceito de cor contra negros no Brasil, mas apenas 10% admitiram tê-lo. Por fim, foi constatado que 70% dos brasileiros que estão vivendo na miséria são negros ou pardos.

Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE), reunidos no ano de 2017, revelaram que a taxa de homicídios por 100 mil jovens é muito maior em negros do que em brancos. São 185 homicídios de homens pardos ou negros e 10,1 no caso de mulheres para 63,5 de homens e 5,2 para mulheres de pele branca. É importante ressaltar que, de acordo com a Constituição Federal de 1988, pela lei n.º 7716, de 5 de janeiro de 1989, o racismo é um crime inafiançável.

Apesar da hostilidade com que habitou-se a conviver nos seus 42 anos de vida, Daniel espera que a filha, Maria Laura de 5 anos, possa experimentar um mundo diferente: “Quero pra ela, um cenário transformado. De paz. Mesmo quando tenho vontade de fazer um escândalo quando sofro racismo, sempre resolvo na paz. A maneira de resolver a situação é no diálogo, pacífico, mostrando a pessoa que ela agiu errado. O acesso a informação é uma forma de empoderar a sociedade e, principalmente, a comunidade negra, que anseia por mais igualdade racial. Acredito que, com mais consciência e conhecimento, o fim do racismo estará cada vez mais próximo de todos nós.”

Preconceito racial no Brasil tem como sua característica mais marcante o caráter não oficial. O município de Niterói conta com um número exclusivo para denúncias

Em Niterói, a Coordenadoria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (Ceppir) de Niterói lançou um número de WhatsApp específico para denúncias a respeito do racismo. O número (21) 96992-9577 funciona apenas para mensagens, áudios, e envio de fotos e vídeos. O atendimento é em horário comercial, de segunda à sexta-feira, no horário das 10h às 18h.

De acordo com a Coordenadora do Ceppir, Celecina Rodrigues, esse número do “Fale com a Ceppir” auxilia as pessoas que forem vítimas de racismo a saberem como agir e onde denunciar, e mantém o sigilo do denunciante.

“Estamos disponibilizando um número de WhatsApp por entender que as vítimas de racismo não sabem como proceder para denunciar. É muito difícil imaginar uma pessoa negra indo à delegacia fazer uma denúncia de racismo. Há tempos se fala que as pessoas vítimas de racismo não têm espaço para serem acolhidas, o que acaba por inibir as denúncias”, explica Celecina.

“Já temos recebido várias denúncias em nosso número convencional. Por isso, entendemos a urgência de se implantar o serviço. A melhor forma de combater esse e outros delitos de preconceito é denunciando e trazendo a público. É importante lembrar que essa ação atende a uma demanda antiga do Conselho Municipal de Promoção da Igualdade Racial de Niterói (Compir-Nit), já incluído como proposta de conferências realizadas na cidade”, ressalta a coordenadora do Ceppir.

Celecina Rodrigues destaca, ainda, que as denúncias terão apoio jurídico para encaminhamento aos órgãos competentes para a investigação e prosseguimento de eventual processo, além de serviço de conscientização dos direitos.

Niterói & região

KARINA FERNANDES
karina.fernandes@odia.com.br

O dom da escrita, que surgiu ainda na infância, cresceu, virou paixão e profissão, e já está dando frutos: no dia 10, a professora e moradora de Niterói, Ana Luiza França, de 36 anos, vê seu talento ganhar vida e lança seu primeiro livro de poesias, *No Ventre do Mundo*. A obra reúne 107 textos da autora, contando com o da contracapa.

“As poesias falam sobre viver neste mundo, sobre todas as delícias e as dores que vêm com isso. Antes de 2018, escrever um livro não era algo que estava nem em meus planos, nem em meus sonhos. Mas a poesia só me traz coisas boas. O momento em que escrevo os poemas já é como um pequeno milagre, muitas vezes. E saber que as pessoas querem lê-los, gente que mora nos quatro cantos do país, que mora até fora do Brasil. Cada mensagem que recebi até hoje, a forma como as pessoas se permitem ser atravessadas pelos poemas feitos por mim, é algo que sempre me emociona”, derrete-se ela.

O lançamento será feito através de uma live, pelo Instagram (@palavrafranca), no dia 10, às 20h. Inclusive foi nessa rede social onde tudo começou, em 2018. A ideia era colocar para fora toda a sua veia artística, em destaque desde sempre: Ana tem duas graduações — Artes Cênicas (UniRio) e Produção Cultural (UFF) — e tem mestrado também pela UniRio.

A autora lembra que começou a escrever seus primeiros poemas ainda na infância. Mas foi na adolescência que o dom aflorou, mas apenas para ela: ninguém podia ler.

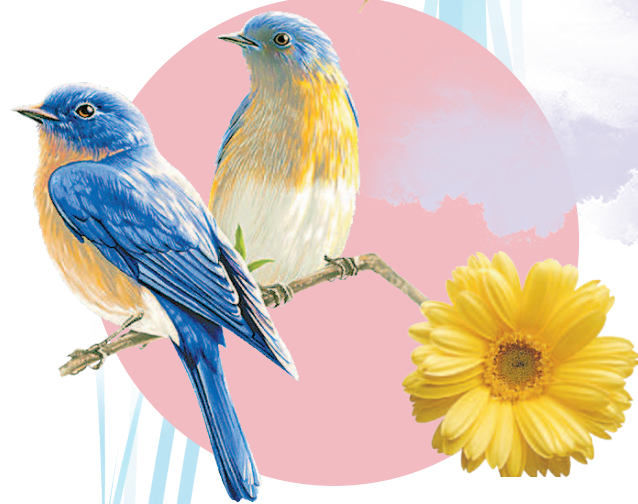
Escreita,

PAIXÃO

&

poesia

Ana Luiza França lança livro de poesias e vai realizar oficina com adolescentes, alunas de escolas públicas de Niterói



“Há pouco tempo, minha mãe encontrou na casa da minha avó, onde passávamos férias, dois poeminhos feitos por mim. Pelas letras, eu devia ter uns 7 anos. Na adolescência, meus cadernos eram cheios de versos, eu amava escrever cartas. Sempre gostei de me expressar através da escrita. Mas, poesia, especialmente, eu escrevia para mim, não mostrava para ninguém. Era uma forma de lidar com sentimentos intensos e era algo mais pontual, em situações como término de relacionamentos, por exemplo. Foi após a experiência de escrita de uma dissertação de mestrado, que comecei a escrever poemas com maior frequência e a pensar que outras pessoas talvez gostariam de lê-los. Aí, foram alguns meses até encontrar coragem para iniciar o perfil no Instagram”, lembra a escritora.

A publicação do livro de Ana foi possível, pois ela foi selecionada *Chamada Pública de Fomento às Artes* de Niterói, realizada pela prefeitura, por meio da Secretaria Municipal das Culturas e Fundação de Arte de Niterói (FAN). “Poder publicar meu primeiro livro através de um edital público, realizado pela Prefeitura de Niterói, é algo maravilhoso. Por isso,

A poesia só me traz coisas boas. O momento em que escrevo os poemas já é como um pequeno milagre, muitas vezes



pude reunir uma equipe só de mulheres, de forma independente, através do selo Palavra Franca. Infelizmente, estamos em um momento em que artistas e iniciativas públicas de fomento às artes são quase criminalizadas. Nesse sentido, Niterói é uma cidade que está avançando nos últimos anos”, elogia.

Além de escrever, Ana dá aulas de teatro desde 2006, especialmente para crianças e adolescentes. Foi pensando nessa relação com os jovens que ela resolveu criar a *Oficina Palavra Franca de Escrita Criativa*, voltada para adolescentes do sexo e/ou gênero feminino, moradoras de Niterói, preferencialmente da região do Engenho do Mato, e estudantes de escolas públicas.

“Serão quatro encontros com 20 jovens em plataforma de conferência virtual. Acredito no potencial de fortalecimento e de libertação da escrita, à medida em que ela se apresenta como uma possibilidade criativa de dialogar com a realidade. Com a oficina, pretendo contribuir para que cada participante encontre, ou aprofunde, sua própria forma de se expressar através das palavras. Além de participarem da oficina, os jovens irão ganhar também um exemplar do livro”, revela.

Quem quiser comprar o livro ou obter mais informações sobre Ana ou a oficina, pode entrar em contato pelo Instagram (@palavrafranca) ou no endereço eletrônico emaildapalavrafranca@gmail.com.

Zona Oeste

Humor desembarca na Cidade das Artes em 2021



‘Comedy Con’ será palco para comediantes consagrados e de formação para artistas iniciantes

O evento terá horas de programação simultânea em todas as ramificações da comédia, com nomes conhecidos e iniciantes

A cidade do Rio de Janeiro vai receber a primeira imersão cômica do mundo, a *Comedy Con Brasil*. Previsto para acontecer durante o mês de agosto do próximo ano, na Cidade das Artes, na Barra da Tijuca, o evento terá horas de programação simultânea em todas as ramificações da comédia, como seriados, programas de TV, circos, games, e stand ups. A *Comedy Con* não será palco apenas para comediantes consagrados, mas vai contar com programações de conteúdo didático e de formação para artistas iniciantes e o público em geral, interessados na carreira que a comédia proporciona. Palcos para apresentação de humoristas iniciantes serão uma boa oportunidade de descoberta de novos talentos.

A diversidade também estará presente com programações inclusivas e democráticas, como o *Mulheres na Comédia*; *Comediantes Negros*, *Comediantes deficientes* e acessibilidade aos espaços e conteúdos. O produtor André Binnios, um dos organizadores da *Comedy Con*, destaca o crescimento deste setor no país.

“O boom na comédia e humor no Brasil já vem de alguns anos. A pandemia veio e deu uma parada em tudo, e o setor cultural foi o que mais sofreu. A *Comedy Con* vem no momento certo: pós-pandemia, na expectativa da vacina no início de 2021, e reativando a cena do humor e da comédia como um todo. E, claro, possibilitando a visibilidade do setor para o Rio de Janeiro e para todo o país com um evento nunca antes visto no mundo”, afirma Binnios.

Segundo dados da *Comedy Con Brasil* em parceria com agentes e produtores artísticos, são cerca de 30 artistas em destaque no stand up do país, com uma média de até 50 shows por mês, tendo um público que varia de 200 a 1 mil pessoas por show. Somado a toda cadeia produtiva do setor, que inclui empresários, agentes, produtores e fornecedores, o stand up comedy tem um faturamento anual no Brasil de cerca de R\$ 180 milhões.

“No aspecto econômico, destaca-se o papel que a *Comedy Con* passará a ter no calendário da cidade. Ele será motivo de fluxo de pessoas, do Brasil e do exterior, e recursos no período antecessor e posterior, aquecendo o turismo e beneficiando toda uma cadeia com hospedagens, restaurantes, shoppings e diversos serviços de entretenimento, por exemplo”, diz Rhodrigo Ribeiro, produtor cultural e criador do evento.

Até o momento, já são mais de 70 comediantes brasileiros confirmados e 12 internacionais. Paulinho Serra — que também é um dos organizadores da *Comedy* —, Tom Cavalcante, Murilo Couto, Marcos Castro, Suzy Brasil, Arianna Nutt, Maurício Meirelles, Rossicléa e Rafael Cortez são alguns nomes que integram o elenco.

“A *Comedy Con* vai se transformar numa vitrine para diversos segmentos, fortalecendo a cadeia de produção dentro dessa indústria, abrindo portas para novos humoristas, produtores e toda gama de serviços envolvida: áudio visual, criação, roteiro, design etc. Tudo isso sendo mostrado dentro de um evento único no mundo que promove e ratifica o sucesso da comédia, atraindo milhares de novos consumidores”, completa Binnios.

O evento ainda terá um viés social representado pela parceria com a Junior Achievement (JA), organização global sem fins lucrativos. A empresa irá programar painéis temáticos mesclando a educação e o humor, e criará uma ativação tendo como referência a busca por soluções, ideias e empreendedorismo dentro do contexto da cultura.

A iniciativa também vai estimular a visita de estudantes da rede pública de ensino e de comunidades onde atua e utilizar banco de talentos para contratação de equipes de recepção, atendimento, operacional e produtores para atuarem no evento.

Outras informações sobre a *Comedy Con Brasil* podem ser vistas no Instagram @comedyconbrasil e também através do site www.comedyconbrasil.com.br.



Zona Oeste

RODRIGO SOARES / CI PRODUÇÕES / DIVULGAÇÃO



Campanha Natal do Bem vai ajudar o Retiro dos Artistas

Uma das participantes da ação vai ser a atriz mirim Laís Luna, que mora na Taquara

KARINA FERNANDES
karina.fernandes@odia.com.br

Talento mirim do Rio de Janeiro vão se reunir, na terça-feira, para o desfile solidário Natal do Bem que vai ter toda a renda destinada ao Retiro dos Artistas, na Zona Oeste da cidade. O slogan do evento é *O artista de hoje não pode deixar o artista de ontem ser esquecido*. Uma das participantes da ação vai ser a pequena Laís Luna, moradora da Taquara, que vem sendo comparada com a atriz Marina Ruy Barbosa, pela sua beleza exótica, seu talento e devido à idade: apenas 9 anos.

Com toda sua meiguice, a atriz já participou de novelas como *Jesus*, atualmente reprisada em horário nobre, e em *Amor Sem Igual*, ambas da Record TV. Laís também traz em seu currículo a atuação no curtametragem de suspense *Ação de Despejo*, como a personagem Poliana. O filme conta a história de uma família misteriosa que decide fazer justiça por conta própria ao receber uma ação de despejo e ver sua casa invadida por proprietários desconhecidos. A menina também fez parte do elenco da peça *Pluft*, o *Fantasmilha*, como o próprio Pluft.

Laís começou a carreira artística com apenas 4 anos, desfilando. Já participou de campanhas publicitárias e vários desfiles, como o Natal do Bem. A ação é realizada pela MG Kids Produções, do prometer Milton Gonçalves. O evento, que acontece no Teatro Clara Nunes, Zona Sul, já está com os ingressos esgotados.

Para a menina, fazer o

bem é herança de família: “Desde pequena gosto muito de participar desses eventos solidários. Isso eu aprendi com meus pais. Estou muito feliz e ansiosa para participar de mais esse desfile do Milton Gonçalves. Os eventos solidários são muito gratificantes”, afirma.

“O slogan mostra que os artistas mirins ajudam a manter viva a lembrança dos atores que tanto contribuíram para o sucesso da profissão, para que não sejam esquecidos. Procuramos sempre criar ações que nos fazem pensar e refletir sobre o amanhã, sobre o quanto precisamos olhar para o próximo”, revela Milton.

A ação tem como padrinhos os atores mirins Valentina Vieira e Diogo Caruso, mas contará com mais de 180 atores e modelos infantis. O apresentador do evento será o ator Brenno Leone e haverá show do grupo cover Now united Rio. Além de Laís, Matheus Dantas, Laurah Pessanha (“The voice Kids”), Guel Vil-

lela, João Guilherme Fonseca, Vitória Seixas, Gui Mendonça, Adriana Tinoco, Marlon Mello, Pedrinho Mello, Alana Cabral, Miguel Bottini, Pablo Barros, Bernardo Liano, Enzo Diniz, Miguel Schmid, Clara Medeiros, João Biel, Bruna Nengendak, Arthur Policarpo, Rafael Sun, João Pedro Chaseliov, Theo José, Giulia Gatti, Matheus Dantas, João Victor Menezes e Sofia Budke, entre outros. Todos vão usar a camisa da campanha na hora do desfile. O valor da venda das peças será todo revertido para o Retiro dos Artistas.

Os organizadores afirmam que todas as medidas de segurança para conter a disseminação da pandemia da Covid 19 serão tomadas. “Os participantes menores poderão ter apenas um acompanhante; as máscaras serão obrigatórias, inclusive na hora do desfile; haverá distribuição de álcool em gel; e não será permitido aglomeração para fazer fotos”, detalha o prometer.

CAROLINA GASSI / CI PRODUÇÕES / DIVULGAÇÃO



Comparada a Marina Ruy Barbosa, Laís participa de desfile solidário



Zona Oeste

Novo nome do funk carioca, Tita se prepara para lançar segundo single

‘Empoderada Check’ chegou com tudo às plataformas de streaming e ainda ganhou clipe, lançado no YouTube

Nascida em Brasília, no Distrito Federal e criada no bairro de Campo Grande, na Zona Oeste, Tita, nome artístico de Sylvia Letícia, fazia qualquer objeto virar microfone quando criança. A jovem, que hoje tem 24 anos, carrega o nome artístico que nasceu de um apelido de infância e se divide entre a faculdade de Terapia Ocupacional e o sonho de ser uma cantora de funk reconhecida, não somente por suas músicas, mas também por suas ações.

“Sabe a importância que a Beyoncé e Rihanna possuem, não só na música, mas nas ações que realizam? Eu quero conquistar isso. Poder fazer mais pela população, pelas mulheres, pelo povo preto e pelas crianças”, conta.

Voltada para o empoderamento feminino e preto, Tita lançou, na última semana, a faixa *Empoderada Check* nas plataformas de streaming. Além disso, a música ganhou clipe oficial no canal do YouTube que leva seu nome. A cantora quer mostrar no single que mulheres podem “pegar” quem quiserem, sem necessariamente se apegar. A artista idealizou, produziu e investiu por conta própria no projeto. “Um amigo da família cedeu a casa de praia dele para a filmagem, chamei uns amigos para participarem do clipe, o rapaz que filmou e dirigiu eu contratei e também é um amigo”, detalha ela.

A funkeira, que já tem a faixa *No 150* lançada, conta com o apoio da mãe, que sempre esteve ao seu lado, sendo sua melhor amiga, incentivando e apoiando seus projetos. “Minha mãe me apoia incondicionalmente, posso sempre contar com

ela. Ela está sempre comigo, sempre ao meu lado”, relata Tita.

Além da música, a funkeira tem a dança como sua outra grande paixão. E, além das inspirações internacionais, também carrega referências como Furacão 2000, Perlla, Claudinho e Buchecha, MC Sapão, Os Hawaianos, Tati Quebra Barraco e as cantoras de rap Karol Conká e MC Soffia, que são conhecidas pelas letras voltadas para a ascensão feminina e negra.

Filha única, Tita desde pequena gostou de cantar, dançar e tocar instrumentos. Ela estudou balé e fez parte de um coral na escola onde estudava e na igreja que frequentava. Mas, no início da pré-adolescência, enfrentou vários problemas de saúde e precisou abandonar a dança por conta entorse grave no tornozelo, que quase rompeu um ligamento. Tita não podia nem colocar o pé no chão. Foram meses de gesso e fisioterapia, acabando por se dedicar apenas ao canto coral.

Quando tudo parecia bem, outro problema ainda mais grave apa-



Funkeira investiu o próprio dinheiro e convidou amigos para participarem do clipe



Sabe a importância que Beyoncé e Rihanna possuem, não só na música, mas nas ações?

Quero fazer mais pelas mulheres, pelo povo preto e crianças

TITA, cantora

receu, a jovem ficou um ano sem realizar movimentos e sentir seus membros inferiores, o que deixou ela ainda mais longe das coisas que mais gostava novamente, incluindo o canto coral.

“Começou com uma tontura, dor de cabeça e fraqueza. Fiquei tendo internações, realizando exames... A fisioterapia foi necessária, primeiro para não atrofiar os músculos e, depois, para reaprender a andar. Foi pensado que poderia ser por conta de coágulos que possuem no cérebro, mas foi constatado que são muitos antigos e não tiveram nenhum movimento, nenhum sinal que indicaria que fossem eles. Essa parte ainda é um mistério, clinicamente falando”, detalha.

Hoje, a artista, que é estudante de Terapia Ocupacional no IFRJ Realengo, não faz mais fisioterapia, mas tem uma pequena diferença de sensibilidade entre lado direito e esquerdo do corpo, que pode ter sido sequela assim como a miopia. Porém, nada que necessite de uma atenção maior ou atrapalhe no dia a dia.

Depois de todos os obstáculos que a brasileira precisou superar, ela ressurge com força total na luta para alcançar seus objetivos artísticos e finalmente se tornar a cantora que sempre sonhou.

